

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

NARATIVAS HISTÓRICAS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: CONCEITO *ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL*

ROSI TEREZINHA FERRARINI GEVAERD¹

Introdução

As investigações sobre cognição e ensino de história, mais conhecidas como investigações em Educação Histórica, foram produzidas, inicialmente, em países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá e têm se constituído como referência para que em Portugal, já há algum tempo, e no Brasil, mais recentemente, essa área de investigação passe a se consolidar. No dizer de Isabel Barca (2005:15):

O ensino de História constitui-se hoje como um fértil campo de investigação, sendo objeto de pesquisa sob diversos ângulos que integram quer perspectivas diacrônicas quer a análise de problemáticas atuais do ensino específico. É dentro desta segunda perspectiva que a investigação sobre cognição e ensino de História [...] tem-se desenvolvido com pujança em vários países [...]. Nestes estudos, os pesquisadores têm centrado a sua atenção nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História, sob o pressuposto de que a intervenção do professor na qualidade das aprendizagens exige um

¹ Professora de História da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Atua na Secretaria Municipal da Educação com a formação continuada de professores. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2009). Pesquisadora LAPEDUH/NPPD/UFPR.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

2

conhecimento sistemático das idéias históricas dos alunos, por parte de quem ensina (e exige também um conhecimento das idéias históricas destes últimos).

A análise destas idéias implica um enquadramento teórico que respeite a natureza do saber histórico e que deve refletir-se, do mesmo modo, na aula de História.

Nessa perspectiva, a educação histórica tem se constituído a partir de uma fundamentação teórica específica, sendo que suas áreas basilares são: a Epistemologia da História, a Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e a História.

Os objetivos centrais das investigações no domínio da cognição histórica têm procurado:

- *compreender os processos cognitivos dos sujeitos ao pensarem História;*
- *examinar as relações entre as idéias tácitas (idéias que os alunos constroem a partir de suas vivências) e os conceitos históricos;*
- *explorar a compreensão dos alunos quanto aos conceitos históricos quer de natureza substantiva quer de natureza epistemológica (por exemplo, interpretação de fontes) (BARCA; GAGO, 2001:242).*

Tomando como pressupostos essas investigações apresento alguns resultados da pesquisa que está sendo desenvolvida no Pós-Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, no Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas, sob a supervisão da Profa. Dra. Tânia Maria Braga Garcia, mais especificamente, em relação ao uso e apropriações que alunos e professora fazem das narrativas históricas presentes no manual didático, relativamente ao conceito substantivo *escavidão africana no Brasil*. Além disso, procuro identificar como está se constituindo a consciência histórica desses alunos.

A minha intenção de investigação surgiu em 2009 com a minha participação no “Grupo de Pesquisa em Educação Histórica”, vinculado ao Projeto “Aprender a ler e aprender a escrever em História”, aprovado como bolsa produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ/2009-2012), e que constitui uma das ações do conjunto de atividades do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, sob a coordenação

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

3

da Profa. Dra. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt. Essa área de investigação busca investigar as ideias históricas de alunos e professores, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História. Entre as investigações realizadas no âmbito da Educação Histórica, encontram-se estudos sobre consciência histórica, ideias substantivas e ideias de segunda ordem em História, tendo como referência os estudos de LEE (2001; 2003; 2005); RÜSEN (1997; 2001; 2007); BARCA (2006); SCHMIDT (2002; 2006); SCHMIDT e GARCIA (2006); entre outros.

Consciência histórica e narrativa histórica

No âmbito das investigações na área da Educação Histórica, segundo Schmidt (2012), o conceito de cultura é um dos principais fundamentos da teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen (1994). Para esse autor o conceito de cultura histórica permite compreender a produção e os usos da história no espaço público na sociedade. Trata-se de um fenômeno do qual fazem parte o grande boom da História, o sucesso que os debates acadêmicos têm tido fora do círculo de especialistas e a grande sensibilidade do público em face do uso de argumentos históricos para fins políticos. Desse processo, fazem parte os embates, enfrentamentos e aproximações entre a investigação acadêmica, o ensino escolar, a conservação dos monumentos, os museus e outras instituições, em torno de uma aproximação comum do passado (RÜSEN, 1994 *apud* SCHMIDT (2012)).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

4

No dizer de Rüsen, o conceito de cultura histórica contempla “as diferentes estratégias de investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extra-escolar, do lazer e de outros procedimentos da memória histórica pública, como concretudes e expressões de uma única potência mental” (1994:2).

Para a formação da consciência é fundamental a operação mental "com a qual o homem articula, no processo de sua vida prática, a experiência do tempo". Segundo Rüsen, essa operação mental é descrita como "*orientação do agir (e do sofrer) humano no tempo*" (grifo do autor). Esta operação articula as experiências e as intenções do homem em relação ao tempo. A consciência histórica é, portanto:

a consciência histórica pode ser descrita como a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência. O modo mental deste potencial de recordação é o relato da história (relatar não no sentido de entender uma mera descrição, mas no sentido de uma forma de saber e de entendimento antropológicamente universais e fundamentais). Esta forma narrativa que oferece uma interpretação da história do passado representado cumpre uma função de orientação para a vida atual. Esta função se realiza como um ato de comunicação entre produtores e receptores de histórias. Por isto, o aspecto comunicativo da memória histórica é tão importante, porque é através da narrativa (e da percepção) das histórias que os sujeitos articulam sua própria identidade em uma dimensão temporal em relação com outras (e ao articulá-las se formam) e ao mesmo tempo adquirem identificadores de direção (por exemplo, perspectivas de futuro) sobre critérios de fixação de opinião para seu próprio uso (RÜSEN, 2012:112).

A consciência histórica é a constituição do sentido da experiência do tempo. As experiências do tempo têm que ser interpretadas, pois "se contrapõem ao que o homem tenciona no agir orientado por suas próprias carências" (RÜSEN, 2001:59).

O tempo é, assim, experimentado como um obstáculo ao agir, sendo vivido pelo homem como uma mudança do mundo e de si mesmo que se opõe a ele, certamente não buscada por ele dessa forma, que, todavia, não pode ser ignorada, se o homem continua querendo realizar suas intenções. Pode-se chamar esse tempo de tempo natural. Um exemplo radical desse tempo impediendo e resistente é a morte. O tempo é experimentado, aqui, como perturbação de uma ordem de processos temporais na vida humana prática, como perturbação de uma ordem na qual o homem tem de pensar seu mundo e sua vida, para poder orientar-se corretamente.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

5

Por oposição a esse tempo, pode-se chamar de tempo humano aquele em que as intenções e as diretrizes do agir são representadas e formuladas como um processo temporal organizado da vida humana prática. Esse tempo, como intenção de um fluxo temporal determinante das condições vitais, tem influência sobre o agir humano que projeta, na medida em que os agentes querem afirmar a si mesmos mediante o agir e lograr reconhecimento (RÜSEN, 2001:59-60).

A consciência histórica se constitui a partir da "interpretação da experiência do tempo com respeito à intenção quanto ao tempo", e o ato de constituição da consciência histórica pode ser descrito "como transformação intelectual do tempo natural em tempo humano" (RÜSEN, 2001:60).

A competência de "dar sentido ao passado" pode ser definida em três elementos que, juntos, constituem uma narração histórica: forma, conteúdo e função. Em relação ao conteúdo está-se falando da "competência para a experiência histórica"; em relação à forma, da "competência para a interpretação histórica"; e, em relação à função, da "competência para a orientação". A consciência histórica caracteriza-se por essas três competências. A competência de experiência é a capacidade de olhar ao passado e buscar a sua qualidade temporal, diferenciando-a do presente; competência de interpretação é a habilidade para reduzir as diferenças de tempo entre o passado, o presente e o futuro. A temporalidade funciona como um instrumento de interpretação de experiências do passado e uma compreensão do presente; competência de orientação, por sua vez, é a habilidade para utilizar a interpretação do passado, analisar a situação presente e projetar um curso de ação futura (RÜSEN, 1992:29-30).

O autor concebe quatro tipos de narração histórica, que a seu ver podem ser identificados a partir da historiografia, assim como suas correspondentes formas de consciência histórica: tradicional, exemplar, crítica e genética.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

6

As narrativas tradicionais são aquelas que articulam as tradições e relembram as origens que constituem a vida no presente. Neste caso, a consciência histórica funciona, em parte, "para manter vivas essas tradições" e o passado é a referência para o presente. Na narrativa tradicional o tempo "ganha um sentido de eternidade" (RÜSEN, 1993:7; 1992:30).

As narrativas exemplares demonstram a validade de regras e princípios e generalizam experiências temporais de regras de conduta. Nesta concepção, a história é vista como uma lição para o presente, como algo didático: *historiae vitae maestrae*. A consciência histórica exemplar revela a moralidade de um valor ou de um sistema de valores pela demonstração de sua generalidade. Nesse caso, a moral é conceitualizada como possuindo uma validade atemporal. Nesse tipo de narrativa, o tempo "ganha um senso de extensão espacial" (RÜSEN, 1993:7-8; 1992:31).

O terceiro tipo é a narrativa crítica, baseada na habilidade de negar as tradições, regras e princípios, abrindo espaço para novos padrões. As narrativas críticas são consideradas anti-histórias. Aqui, a consciência histórica "busca e mobiliza uma classe específica de experiência do passado: a evidência conferida pelas 'contra-narrações'". Neste tipo de narrativa o tempo "ganha o senso de ser objeto de julgamento" (RÜSEN, 1993:8-9; 1992:32).

O quarto tipo é a narrativa ontogenética. Histórias deste tipo dão direção à mudança temporal e apresentam a continuidade como um desenvolvimento no qual a alteração de modos de vida é necessária para a sua permanência. É a "forma de pensamento histórico que vê a vida social em toda a sua complexidade e sua temporalidade absoluta", e em que "diferentes pontos de vista podem ser aceitos porque se integram em uma perspectiva que abrange a mudança temporal". Neste caso de consciência histórica "os valores morais se temporalizam" e a moral "se despoja de sua natureza estática". O raciocínio moral depende do "argumento de mudança

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

7

temporal" para poder "estabelecer a validade dos valores morais". Neste tipo de narrativa o tempo "ganha o senso de temporalidade" (RÜSEN, 1993:9; 1992:33).

A consciência histórica funciona como "um modo específico de orientação em situações reais da vida presente" e tem como função ajudar a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente (RÜSEN, 1992:28).

Assim, a narrativa torna-se constitutiva da consciência histórica, pois é um "modo específico de sentido sobre a experiência do tempo" e, para a constituição desse "sentido", a narrativa deve estar vinculada à "experiência do tempo de maneira que o passado possa tornar-se presente no quadro cultural de orientação da vida prática contemporânea" (RÜSEN, 2001:155).

Tomando como subsídio o arcabouço teórico aqui exposto desenvolvi a investigação em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. O público alvo em questão envolveu alunos (11 a 13 anos de idade) de uma turma de 7º ano do ensino fundamental.

Narrativas históricas em contexto de escolarização: conceito substantivo *escravidão africana no Brasil*

Para fundamentar o percurso metodológico assumido, parti das considerações pautadas por autores da pesquisa qualitativa, tomando como referência, especialmente, os estudos de Bogdan e Biklen (1994).

Esses investigadores indicam que os dados empíricos não são recolhidos com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente, mas, em vez disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares recolhidos vão sendo agrupados (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.50).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

8

Nesta pesquisa busco identificar algumas respostas às seguintes questões de investigação:

- Quando o professor usa o manual ele usa a narrativa da forma que está presente no manual didático?
- Como o professor trabalha o conceito substantivo escravidão?
- Qual a ideia expressa pelo aluno em relação ao conceito substantivo escravidão africana no Brasil?

A partir disso, desenvolvi essa investigação adotando os seguintes procedimentos: entrevista com a professora para obter informações sobre o manual didático adotado na escola e o seu uso; instrumento para investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conceito escravidão; observação de algumas aulas de história; instrumento para investigar a ideia de escravidão após intervenção didática.

Nesse artigo privilegiei a análise realizada a partir das narrativas dos alunos: conhecimentos prévios e após a mediação didática², mais especificamente, as questões de orientação temporal.

A recolha de dados consistiu em duas produções dos alunos. A primeira para investigar os conhecimentos prévios com a pergunta: *O que você entende por escravidão*. E a segunda, após a mediação didática, foi proposta a seguinte questão: *Imagine que você foi convidado para participar de um concurso sobre conteúdos de História. Você deverá contar sobre a **Escravidão no Brasil***.

Dos 35 alunos matriculados, 31 fizeram a 1ª narrativa, 31 fizeram a 2ª narrativa. Sendo que 27 alunos produziram as duas narrativas solicitadas.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

9

A análise das produções dos alunos teve como foco os marcadores temporais utilizados pelos alunos. Obteve a seguinte categorização:

Quadro 1: Categorização dos marcadores temporais utilizados pelos alunos em suas narrativas

MARCADORES TEMPORAIS	CONHECIMENTOS PRÉVIOS	APÓS A MEDIAÇÃO	NAS DUAS NARRATIVAS
Verbo no passado	27	27	27
Mudança temporal	04	17	03
Termos indicativos de passado	04	05	02
Datação/ marcos cronológicos	04	05	02
Passado que está no presente	Nenhum	08	Nenhum

Todos os alunos usaram, em suas narrativas, tanto nos conhecimentos prévios como após a mediação didática, marcadores temporais. Para fins de exemplificação optei por utilizar as narrativas após a mediação didática, na medida em que apresentaram mais elementos de temporalidade. Todos os alunos usaram palavras que indicam que os acontecimentos ocorreram no passado. Fragmento de narrativa:

Os africanos eram capturados e trazidos para o Brasil. Quando chegavam aqui vestiam uma roupa simples e eram batizados na capela como cristãos. Alguns trabalhavam na casa do senhor do engenho que se localizava em um local mais alto, para observar o trabalho escravo. Principalmente as mulheres trabalhavam na casa do senhor de engenho, pois amamentavam os seus filhos. Quando chegava a noite, os escravos iam dormir na senzala para acordar cedo novamente e ir ao trabalho. Quando acordavam trabalhavam com a cana que era um cultivo muito importante. Para trabalhar com a cana tinha um processo: cortavam a cana e levavam até a casa do engenho, moíam, ferviam até virar uma calda quente, depois eram colocadas em uma forma de barro, depois

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

10

quebravam e eram levadas ao porto e transportadas até a Europa. Enquanto eles trabalhavam os feitores cuidavam deles para não fugirem, mas alguns fugiam e ficavam nos quilombos, mas lá não haviam só escravos que fugiam mas sim trabalhadores livres que preservavam os costumes da sua terra natal, fuga. Quilombolas eram comunidades que ficavam. [sic]. Muitos costumes africanos nós temos hoje em dia como: comidas: vatapá, feijoada, danças: samba, capoeira, religião, expressões (palavras).

A escravidão foi abolida em 1888 com a lei Áurea.

O trabalho do engenho era baseado no trabalho escravo mas também em trabalhadores livres. (Anelise³, 11 anos).

Alguns alunos (17) expressaram em suas narrativas a mudança temporal, elaboraram uma trama que apresenta a experiência ocorrida no passado e as dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes na atualidade, como o preconceito e racismo. Exemplo de narrativa:

No Brasil os portugueses compravam os escravos para conseguir trabalho usavam os escravos em vários serviços, nos engenhos de cana de açúcar entre outros. Alguns negros como forma de resistência se suicidavam outros abortavam a gravidez e outros se revoltavam e fugiam.

Para os negros se defenderem eles criavam quilombos e lá eles viviam, eles realizavam atividades como agricultura e comércio, lá eles usavam a cultura que lês tinham na África.

Depois de muitos anos uma lei que proibia o trabalho foi assinada e a partir dai eles começaram a ter salário, mas até hoje muitas pessoas tem preconceitos com os negros. (Fernando, 12 anos).

Alguns alunos (05) usaram termos que indicam a passagem do tempo: há muito tempo; tudo começou; depois de um tempo; antigamente; atualmente; depois de muito tempo. Exemplo:

³ Os nomes dos alunos são fictícios com a finalidade de preservar suas identidades.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

11

*A escravidão no Brasil foi difícil para os afrodescendentes assim chamados. Muitos eram mortos por maus tratos ou falta de alimento na exportação de negros para os navios negreiros, para servirem de escravos, para os brancos, **depois de um tempo** os negros começaram a trabalhar nas moendas de cana-de-açúcar tendo como vigias os feitores, como os negros trabalhavam sem ganhar nada não gostavam de trabalhar por 12 ou mais de 17 horas por dia construíram os quilombos. Quilombos eram lugares onde os negros fugiram para se abrigarem-se, para modo de passar o tempo os negros praticavam a capoeira, como **atualmente** é praticada. Recebendo a carta de alforria poderiam ser livres e viverem nos quilombos **depois de muito tempo** morando nos quilombos eram chamados de quilombolas. (Gil, 12 anos).*

Nessa narrativa o aluno usa termos que indicam a passagem do tempo, faz uma interpretação da experiência do passado, ou seja, a prática da capoeira “para modo de passar o tempo os negros praticavam a capoeira” relacionando com a experiência do presente “como **atualmente** é praticada”.

Poucos alunos (05) usaram marcadores cronológicos. Exemplo:

*A escravidão no Brasil começou no **século XVI** e **durou 300 anos** e eram feitos de escravos os africanos e eles eram trazidos por navios e eram muito precário o estado de higiene dos escravos muitas vezes as mulheres grávidas se suicidavam pois eram a resistência da escravidão muitas vezes quando estavam nos engenhos eles destruíam o engenho colocando fogo destruindo as ferramentas (...). Quando eles fugiram formaram os quilombos que eram as comunidades que onde viviam vários povos e etnias da África. Que o líder foi Zumbi dos Palmares. Palmares foi a comunidade que reportou o maior grupo de escravos então no dia **20 de novembro** é comemorada o dia da consciência negra a [em] homenagem a Zumbi dos Palmares por sua morte na guerra contra os portugueses. (Bruno, 12 anos).*

De modo geral, os alunos não usaram a cronologia como marcadores temporais. Os que usaram fizeram referência ao século XVI referindo-se ao início do período em que os portugueses trouxeram os escravos africanos ao Brasil; 1500 como o ano em que os portugueses vieram ao Brasil; 20 de novembro a data em que é comemorada o dia da consciência negra.

Alguns alunos (08) expressaram que o passado está no presente. Exemplo:

Os escravos trabalhavam em produções de açúcar e as amas de leite cuidavam dos filhos do rei.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

12

Na lavoura a cana era colocada de molho moída e assim virava açúcar e era embalada. E na produção da cana quem cuidava para que os escravos não fugissem eram os “escravos livres”.

*A escravidão durou muito tempo já acabou, mas agora tem um outro tipo de escravidão que é o **preconceito e o “racismo”**. Policiais não tem respeito pelos negros não podem ver negros na rua que já suspeitam deles e partem para a agressão. “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (...). (Emília, 11 anos).*

A aluna Emília expressa em sua narrativa que a escravidão “já acabou”, mas que ainda permanece em nossa sociedade “um outro tipo de escravidão” que é o “preconceito e o racismo”. A aluna, ao interpretar o passado – a escravidão africana, explica um problema enfrentado no presente – o preconceito e o racismo, para isso, utiliza-se da letra da música⁴ trabalhada pela professora durante a mediação pedagógica.

Após a identificação de marcadores temporais nas narrativas dos alunos busquei analisar a estrutura das narrativas, mais especificamente, quanto à apropriação do conceito substantivo *escravidão africana no Brasil*. Para isso, tomei como base a narrativa do manual didático e as explicações da professora.

Todos os alunos (27) fizeram referência ao trabalho escravo, sendo que dezenove (19) especificaram que esse trabalho era realizado nos engenhos. Desses, nove (09) alunos explicaram como era o trabalho no engenho e como era feita a produção do açúcar, narrando com detalhes o processo da feitura do açúcar, baseados na narrativa do manual didático. Fragmento de narrativa:

⁴ Música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, O Rappa.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

13

Alguns trabalhavam na casa do senhor do engenho que se localizava em um local mais alto, para observar o trabalho escravo. Principalmente as mulheres trabalhavam na casa do senhor de engenho, pois amamentavam os seus filhos.

Quando chegava a noite, os escravos iam dormir na senzala para acordar cedo novamente e ir ao trabalho. Quando acordavam trabalhavam com a cana que era um cultivo muito importante. Para trabalhar com a cana tinha um processo: cortavam a cana e levavam até a casa do engenho, moíam, ferviam até virar uma calda quente, depois eram colocadas em uma forma de barro, depois quebravam e eram levadas ao porto e transportadas até a Europa. (Leni, 11 anos).

Outra questão contemplada por quinze (15) alunos foi a que trata da resistência africana, alguns relatam as diferentes formas, tais como a formação dos quilombos, citada por quinze (15) e dos quilombolas por seis (06) alunos:

Os portugueses obrigavam os negros a trabalhar pesado no campo não tinham muito tempo para descansar, por isso negros cansados disso fizeram quilombos, que era o lugar pra qual eles fugiam em busca de uma vida melhor. Trabalhando tanto e sendo tratados como animais muitos dos escravos apelavam pelo suicídio. E muitos se matavam no navio se jogando ao mar, mas além disso muitas mulheres faziam aborto para que seus filhos não sofram como elas, essa eram formas de resistência. (Martina, 11 anos).

A questão da resistência foi um fato muito citado pelos alunos, especialmente ao narrado no filme⁵ quando mostra a mulher escrava, com o filho no colo, jogando-se no mar, fato explicado, posteriormente, pela professora dizendo que essa era uma das formas de resistência dos escravos. Isso foi registrado por oito (08) alunos.

A escravidão no Brasil começou no século XVI e durou 300 anos e eram feitos de escravos os africanos e eles eram trazidos por navios e eram muito precário o estado de higiene dos escravos muitas vezes as mulheres grávidas se suicidavam pois eram a resistência da escravidão muitas vezes quando estavam nos engenhos eles destruíam o engenho colocando fogo destruindo as ferramentas, etc.

Quando eles fugiram formaram os quilombos que eram as comunidades que onde viviam vários povos e etnias da África. Que o líder foi Zumbi dos Palmares. Palmares foi a comunidade que reportou o maior grupo de escravos então no dia 20 de novembro é comemorada o dia da consciência negra a [em] homenagem a Zumbi dos Palmares por sua morte na guerra contra os portugueses. (Bruno, 12 anos).

⁵ A professora usou em sua mediação didática um fragmento do filme *Amistad* de Steven Spielberg.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

14

As questões de discriminação e preconceito que constam no manual didático e trabalhadas pela professora foram referenciadas por quatro (04) alunos. Fragmento de narrativa:

A escravidão durou muito tempo já acabou mais, agora tem um outro tipo de escravidão que é o preconceito o “racismo”. Policiais não tem respeito pelos negros não podem ver negros na rua que já suspeitam deles e partem para a agressão. “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (...). (Emília, 11 anos).

A maioria dos alunos iniciou a narrativa fazendo uma contextualização da escravidão no Brasil, a vinda dos negros da África. Organizaram as narrativas destacando elementos referentes à forma como os africanos eram trazidos pelos navios negreiros e a precariedade em que eram trazidos, especialmente em relação às questões de higiene. Destacaram também as formas de resistência que os escravos se utilizavam para demonstrar a não aceitação da escravidão, como o suicídio, destruição dos engenhos, destruição de ferramentas e a formação de quilombos.

Considerações finais

Pode-se dizer que todos os alunos ao produzirem suas narrativas usaram com maior ênfase elementos da narrativa do manual didático. Constatei que ocorreu uma progressão nas ideias dos alunos, em relação ao conceito *escravidão africana no Brasil*, quando comparei as ideias prévias e as expressas após a mediação da professora.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

15

Os alunos, de modo geral, utilizaram palavras que indicam a passagem do tempo, especialmente os verbos no passado e expressões como *antigamente*, *há muito tempo*, entre outras. Sendo que as mais utilizadas foram em relação ao trabalho realizado pelos escravos; às condições de vida dos escravos, tais como, o tratamento que recebiam, as condições de sofrimento a que eram submetidos – capturados, vendidos; resistência à escravidão; organização em comunidades – Quilombos; entre outras questões.

Pode-se dizer que a narrativa da maioria dos alunos apresenta elementos de uma consciência histórica tradicional, pois na perspectiva de Rüsen (1993; 1992) esses alunos articulam as tradições e relembram as origens que constituem a vida no presente.

Poucos alunos fazem uma relação entre os acontecimentos do passado e o presente, nesse caso, as questões do preconceito e da discriminação, que constam no manual didático, e que foram trabalhadas pela professora. Essas narrativas possuem elementos de uma consciência histórica ontogenética, pois segundo Rüsen (1993; 1992) histórias deste tipo dão direção à mudança temporal e apresentam a continuidade como um desenvolvimento no qual a alteração de modos de vida é necessária para a sua permanência, ou seja, a capacidade do aluno em relacionar acontecimentos do passado que estão presentes no presente, a relação entre o processo de escravidão e as questões de preconceito e de discriminação enfrentadas pelos afrodescendentes na atualidade.

Nesse sentido, Barca (2011, p.8) aponta que

Embora os diversos tipos de consciência histórica não se manifestem de forma estanque, nem os quatro tipos elencados devam ser considerados como os únicos enquanto manifestações de orientação temporal, parece ser cada vez mais nítido o reconhecimento de que é uma consciência de tipo “genético” que melhor equipa cognitivamente o ser humano para enfrentar os desafios e problemas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

16

nestas primeiras décadas do século XXI. Neste sentido de “consciência histórica genética”, o passado é encarado como fonte para a compreensão significativa do mundo que se apresenta com permanências e mudanças complexas.

Referências

BARCA, I. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: ARIAS NETO, J. M. (Org.). **Dez anos de pesquisas em ensino de história**. Londrina: AtritoArt, 2005. p.15-25.

_____. A construção de narrativas históricas: perspectivas de consciência histórica dos jovens portugueses. In: **Anais do Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História: Novos Problemas e novas abordagens**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

_____. Narrativas históricas de alunos em espaços Lusófonos. In: BARCA, I. (Org.) Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica – Consciência Histórica na Era da Globalização. Braga: Centro de Investigação em Educação/ Instituto de Educação, Universidade do Minho – Braga/Portugal, 2011. p.7-24.

BARCA, I.; GAGO, M. Aprender a pensar em história: um estudo com alunos do 6.º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**, Portugal, v.14, n.1, p.239-261, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em história. In: BARCA, I. **Perspectivas em educação histórica**. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Hist. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2001. p.13-27.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

17

_____. “Nós fabricamos carros e *eles* tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, I. (Org.) **Educação histórica e museus**. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Lusografe, 2003. p.19-36.

_____. Putting principles into practice: understanding history. In: BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (Eds.). **How students learn: history in the classroom**. Washington (DC): National Academy Press, 2005.

RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, 1992.

_____. Experience, interpretation, orientation: three dimensions of historical learning. In: DUVENAGE, P. (Ed.). **Studies in metahistory**. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993.

_____. *¿Qué es la cultura histórica?*: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. In: FÜSSMANN, K. GRÜTTER, H.T., RÜSEN, J. (Ed.): **Historische Faszination. Geschichtskultur heute**. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, 1994. p.3-26.

_____. El libro de texto ideal: reflexiones entorno a los médios para guiar lês clases de historia. In: **Revista Nuevas fronteras de la historia**. Barcelona: Graó, n.12, año IV, abr. 1997.

_____. Jörn. **Razão Histórica**: Teoria da História: Fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Unb, 2001.

_____. **História viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

18

SCHMIDT, M. A. Jovens brasileiros e europeus: identidade, cultura e ensino de história (1998-2000). In: **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n.Especial, p.183-208, jul./dez. 2002.

_____. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. In: **Anais do Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História: Novos Problemas e novas abordagens**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

_____. Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. In: **História Revista**. Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2012. pp. 91-104.

SCHMIDT, M. A.; GARCIA, T. M. B. **Consciência histórica e crítica em aulas de história**. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Museu do Ceará, 2006.